

# AS NUANCES DA LIBERDADE E A CENSURA DA MÍDIA BRASILEIRA

## na ótica de um estudante de Jornalismo

Há um grande perigo no horizonte: fala-se em calar a imprensa, em proibir opiniões que desagradam, em restaurar a censura.

Mais do que nunca a imprensa independente, de todas as vertentes de opinião, é nossa garantia.

Mais do que nunca o debate de ideias é essencial.

Por isso o UniBrasil, com apoio do IPRADE (Instituto Paranaense de Direito Eleitoral) e do Centro Acadêmico de Direito do UniBrasil (CARB) realizou um evento em formato de jornada acadêmica constando de palestras e debates.

Sob o tema “Jornada Acadêmica da Liberdade de Expressão: o Jornalismo investigativo no Brasil”, o evento teve duas partes: a matutina, com organização do CARB, em que foi realizada a mesa redonda: “Liberdade de expressão: Jornalismo investigativo e seus precedentes no Brasil”, com a participação do professor Rodrigo Xavier Leonardo, advogado atuante em casos de liberdade de expressão da imprensa e professor da graduação e do PPGD em Direito da UFPR; Felipe Aníbal, jornalista; Albari Rosa, fotógrafo investigativo; e com mediação de Amanda Perli Golombiewski, advogada especialista em liberdade de expressão a atuante na área.

No período noturno, com organização dos professores do UniBrasil, houve o debate: “*Intercept: Jornalismo investigativo e independente no Brasil*”, com o jornalista Rafael Moro Martins, e o professor doutor Bruno Lorenzetto, coordenador dos cursos de mestrado e doutorado do UniBrasil Centro Universitário.

AUTOR:

**RICARDO MACEDO**

ESTUDANTE DO CURSO DE JORNALISMO DO UNIBRASIL CENTRO UNIVERSITÁRIO.



Bruno Lorenzetto e Rafael Moro Martins.



Os temas dos dois encontros foram atuais e polêmicos, como convém a uma instituição de ensino superior que respeita a inteligência de sua comunidade acadêmica, e um dos focos foi a “Operação Lava Jato”, que obteve resultados aplaudidos por grande parte da população e agora está sob suspeita de práticas ilegais nos procedimentos, a partir da divulgação de diálogos entre juiz e procuradores obtidos pela *Intercept* Brasil - no que já está sendo apelidada “Vaza Jato”.

A motivação da jornada é a constatação de que o Brasil vive um tempo conflagrado, no qual as opiniões e ideologias apaixonam e são discutidas com uma veemência que pareceria absurda em outras épocas. Por vezes chega-se a pensar que não há mais

a menor possibilidade de consenso, soluções racionais, diálogos, debates.

Mas para quem viveu a paz dos cemitérios do tempo da censura, todo esse ruído parece música, música da liberdade de expressão, do direito de opinião, concorde-se ou não com ela.

Chegaremos à maturidade, à racionalidade no convívio, mas ainda estamos atravessando a adolescência dessa prática, uma fase conturbada, em que conversas sérias e racionais se mostram como o melhor caminho.

Por isso, descrevemos aqui a noite do dia 18 de outubro, quando o editor contribuinte sênior do *The Intercept* Brasil visitou o UniBrasil Centro Universitário. Contando um pouco

sobre como o jornal nasceu e quais foram seus objetivos como jornalista, Rafael Moro Martins relatou as dificuldades em mostrar a verdade num país que prefere crer em mentiras.

Rafael é jornalista desde 1998 e atuou como repórter na Folha de São Paulo, no UOL, na Gazeta do Povo e atualmente é editor sênior do site *The Intercept* Brasil. O *Intercept* nasceu em 2013, nos Estados Unidos, com o objetivo de ser o jornal investigativo capaz de enfrentar os poderosos, causar impacto e mostrar que as denúncias feitas pelas fontes acerca de polêmicas podem ser levadas adiante. Durante a palestra, Rafael esclareceu sobre o funcionamento das reportagens do *Intercept*, como a série que ficou conhecida como *Vaza Jato*, e comentou que as fontes anônimas fazem parte da rotina de

um jornalista investigativo, afinal são elas que abrem as portas para grandes matérias jornalísticas.

Da fala e do significado do jornalista, o que marca é a vontade de fazer o certo, de mostrar os fatos. Para Rafael Moro, o jornalismo convencional já não presta um papel para sociedade, e sim para ele mesmo. Ele diz que, em anos como repórter, já sofreu ameaças por dizer a verdade, e complementa afirmando que não é isso que o jornal investigativo é, que os valores com a sociedade são íntimos e que como jornalista ele deve ser responsável.

Houve diversas revelações que o *Intercept* Brasil fez, dentre elas, a mais conhecida talvez seja a série *Vaza Jato*, que marcou o nome do jornal na história do país. O esquema de investigação conhecido como Lava



Rafael Moro Martins e docentes do UniBrasil.



Jato começou em março de 2014, e já cumpriu mais de mil mandatos de buscas e apreensões. Em um domingo, o editor Rafael Moro recebeu uma ligação de Glenn Greenwald, um dos fundadores do *Intercept*, que afirmou ter recebido arquivos de uma fonte anônima que poderiam mudar o rumo da Operação. Foram semanas de trabalho para entender os arquivos. Com o cruzamento de informações, começaram a surgir histórias que podiam desmarcar casos cada vez mais emblemáticos.

Rafael afirma que dentre as maiores revelações feitas pela Vaza Jato, há as motivações políticas, como as que envolvem a prisão do ex-presidente Lula, e investigações seletivas, como as direcionadas às empresas e aos

bancos, bem como o enriquecimento pessoal e fama dos promotores envolvidos. “O Deltan Dallagnol é um dos que acabaram se aproveitando da Lava Jato para enriquecer, dar palestras sobre informações confidenciais da Lava Jato, além de atrair fama para si”, afirmou o editor sênior Rafael Moro. “A Lava Jato está dócil com os bancos, será que tem um motivo?”, ainda questionou durante a palestra.

Como as investigações dos recebimentos dos arquivos por Glenn Greenwald eram densas e a equipe do *Intercept* era pequena, novos parceiros foram se agregando ao projeto. O jornal investigativo buscou parceria com o *El País*, a Folha de São Paulo, a revista *Veja*, dentre outros veículos

que estão focados em acompanhar e checar a veracidade das informações. Com isso, as apurações desses arquivos foram feitas de maneira mais rápida. O próprio Glenn Greenwald comentou que os jornalistas eram livres para utilizar quaisquer informações disponíveis nos arquivos.

Dentre todos os escândalos, a importância de continuar divulgando os materiais da Lava Jato foi levada à opinião pública. Segundo as entrevistas feitas pelo Instituto Ipespe, 40% dos entrevistados acham que a Lava Jato cometeu excessos. O que mudou depois da Lava Jato? A ideia que se tem sobre liberdade de expressão, justo em um país que viveu uma ditadura militar em 1964, levantou voz para um presidente em

1992, e que, em 2019, “o povo teme e prefere ser censurado, prefere a pressão. Vivemos num país em que matamos uns aos outros por trocado”, enfatiza o Rafael Moro em sua palestra.

Há também uma pressão sobre os jornalistas: somos o 6º país mais perigoso para os jornalistas viverem, segundo a Agência Brasil. Os profissionais são assassinados e ameaçados constantemente. Isso acaba gerando uma censura ao que não deveria ser censurado, e é com isso que a proposta do *Intercept* conversa, com a necessidade de mostrar a verdade dos fatos sem que o departamento comercial do jornal ligue para a redação querendo que algumas matérias sejam excluídas. No caso da Vaza Jato, Rafael destaca que



Rodrigo Xavier Leonardo, Felipe Anibal, Albarí Rosa, Amanda Perli Golombiewski.

em nenhum momento foi de interesse divulgar algo que fosse de interesse privado, ainda que 95% das conversas que estavam nos arquivos da Lava Jato eram privadas, mas só foi divulgado o que era de interesse público.

Rafael Moro contou durante a palestra sobre uma entrevista com Sérgio Moro, conhecido como o “herói do Brasil”, em que ao final o então juiz o questionou sobre uma reportagem que o jornalista tinha feito sobre palestras em que havia informações sigilosas sobre a Operação Lava Jato. O jornalista comentou que aquilo deveria ser de interesse público, as pessoas devem saber sobre o que está acontecendo nos bastidores. A ideia de imprensa enquanto apoiadora

de juízes e bancários é exatamente essa: se o dever é informar o público, exercer a justiça não deve significar estar acima dela.

A realidade no Brasil não é sutil, ela é cabal. Aqueles que mais deveriam pagar por seus crimes e serem expostos ganham fama e exaltação e, nesses momentos, é preciso expor o fato tal qual ele é, não deixar a narrativa se perder em meio às mentiras. Se existe sigilo em algum lugar que afeta direta ou indiretamente as pessoas, é preciso contar. “Se jornalista não falar com criminoso, a gente tem que deixar de ir em Congresso”, finalizou Rafael Moro.

